



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica.

## **DEFICIÊNCIA AUDITIVA, LIBRAS E A INCLUSÃO EDUCACIONAL<sup>1</sup>**

### **HEARING IMPAIRMENT, LIBRAS AND EDUCATIONAL INCLUSION**

**Rafaeli Dallabrida<sup>2</sup>, Simoni Antunes Fernandes<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho da disciplina Estágio Básico em Psicologia I

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI. Email: rafaeli.dallabrida@sou.unijui.edu.br

<sup>3</sup> Psicóloga Mestre em Educação Nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil(2011). Email: simoni.fernandes@sou.unijui.edu.br

## **INTRODUÇÃO**

A presente escrita trata de abordar a deficiência auditiva e as dificuldades de inclusão educacional devido ao baixo entendimento populacional de libras. A nossa audição trabalha como um dos principais meios de comunicação com o mundo e este se comunica conosco, colaborando assim para o desenvolvimento da nossa identidade, sentimentos, compreensão do mundo, vínculos sociais, interações intrapessoais e interpessoais e o modo como manifestamos os nossos anseios e necessidades.

Quando trazemos as questões de inclusão neste meio, vale ressaltar que essa palavra é de ordem no âmbito da escola, onde até um tempo atrás, somente a existência nas escolas especiais, destinadas a deficientes, e bastava para que se acreditasse na igualdade de oportunidades entre deficientes e pessoas ditas normais. Então, com o passar do tempo se teve o entendimento de que frequentar escolas especiais não significa inclusão, e sim que reforça ainda mais a exclusão, no sentido de delimitar o espaço destinado aos deficientes.

Portanto, a questão da inclusão e exclusão social é vista por muitos autores como uma dialética, ou seja, não são termos antagônicos, necessariamente, e sim complementares, já que um depende do outro para existir. No caso do preconceito contra qualquer tipo de deficiência, mais do que uma questão cultural, encontra-se uma questão de fantasias quanto a deficiência apresentada.

## **METODOLOGIA**

A escrita trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, realizada a partir do estágio básico em psicologia curricular no 5º semestre de 2022, baseada em recortes de

materiais bibliográficos disponibilizados na plataforma Google Acadêmico e obras de autores considerados autoridades no assunto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A deficiência auditiva, conhecida como surdez, ou por termos técnicos como hipoacusia, consiste na perda parcial ou total da capacidade de ouvir. Esta perda pode ser de nascença ou até mesmo ocasionada por motivos de doenças posteriormente adquiridas. A função auditiva é não somente importante como bastante complexa; o ouvido funciona como uma ponte entre o mundo exterior e o sistema nervoso, adaptando informações vibratórias e transmitindo sinais temporais. As modificações na função auditiva alteram consideravelmente a percepção do meio e toda a construção psicofisiológica do mundo pela criança, na medida em que a linguagem e o pensamento verbal são alterados e tornam-se irrelevantes na construção de sua personalidade e na sua integração social (LAFON, 1989).

Por conseguinte, a fala de Lafon, nos coloca a pensar, que entre as pessoas com deficiência física, auditiva e visual, o deficiente auditivo é o que enfrenta maior dificuldade de inclusão na sociedade, porquanto a audição é o sentido essencial para a aquisição e uso da linguagem, afinal, é através deste sentido que comunicamos com o mundo e este se comunica conosco, desenvolvendo assim a nossa identidade, os nossos sentimentos, a compreensão do mundo que está à nossa volta, os vínculos sociais, as interações intra e interpessoais e, não esquecendo, o modo como manifestamos os nossos anseios e necessidades.

Um grande marco de respeito para os surdos, foi a publicação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, pela qual dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), regulamentando a profissão do Intérprete em LIBRAS e dá outras providências no atendimento aos deficientes Auditivos, que é um bom exemplo de valorização das diversidades e respeito as suas diferenças. Sabe-se que a LIBRAS tem-se integrado a práticas educacionais e a programas destinados a pessoas surdas, permitindo, dessa forma, o estabelecimento efetivo de contatos, total ou parcialmente bloqueados. Demonstra-se, a partir daí, a importância de conhecer essa linguagem para se poder ter uma comunicação efetiva com pacientes deficientes auditivos.

Segundo dados de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, cerca de 5% da população é surda e, parte dela usa a Libras como auxílio para



comunicação. Esse número representa 10 milhões de pessoas, sendo que 2,7 milhões não ouvem nada. Sendo assim, a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima que, até 2050, 900 milhões de pessoas podem desenvolver surdez.

No Brasil, um grande fato para a história da educação de surdos foi a implantação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A história começou em 26 de setembro de 1857, durante o Império de D. Pedro II, quando o professor francês, surdo, Hernest Huet fundou, com o apoio do Imperador, o Imperial Instituto de Surdos Mudos. Na época, o Instituto era um asilo, onde só eram aceitos surdos do sexo masculino. Eles vinham de todas as partes do país e muitos eram abandonados pelas famílias (BRASIL, 2012).

“Se o domínio da linguagem é necessário as operações intelectuais, não é suficiente, no entanto, para que um sujeito possa provar sua inteligência. Se ele não pode ouvir nada que está além das palavras, se não pode “ler entre as linhas”, corre o risco de apresentar como débil. O débil não se desprende do sentido literal, o equívoco permanece inacessível para ele, o formalismo é seu recurso, ele crê no dizer verdadeiro e se fixa a isso como uma vontade ferrenha.” (CORDIÉ, 1996).

Através da ideia de Cordié, podemos entender a importância do sentido auditivo, e assim, analisar que a deficiência auditiva não pode ser entendida de forma individual, pois, muito se conhece sobre a relação surdez e debilidade na fala, porém, não é só a fala que sofre interferência da falta de audição. Os processos de leitura e escrita também podem sofrer, já que estes também se relacionam com a fala e com a audição, fazendo com que as crianças surdas fiquem atrasadas em seu desenvolvimento intelectual.

Porém, o fato de a inclusão escolar ser atualmente um assunto amplamente discutido não significa que as pessoas que a debatem entendam a inclusão da mesma maneira. Segundo Baptista (2009), é possível ouvir vários relatos de alunos que são “jogados” dentro das salas de aula de ensino regular, sendo que não houve para isso nenhum preparo do professor e nenhuma mudança física no ambiente com adição de novos métodos de ensino, capazes de atender às necessidades dessas crianças, sendo assim, esse movimento de “inclusão escolar”, acaba muitas vezes afetando e frustrando a criança e seu desenvolvimento ao invés de tornar um lugar acolhedor realmente de inclusão. Sem contar, que diante de muitas situações pessoas com deficiência auditiva se tornam motivos de piadas e apenas se sentem realmente abraçadas aonde



são acolhidas como nas Escolas de Educação Especial -APAE. A consequência desse movimento são as “falsas” inclusões ou mesmo inclusões perversas (SAWAIA, 1999).

Na tentativa de incluir, de fato, os sujeitos surdos, os sujeitos desse estudo permitem compreender que na educação inclusiva os alunos surdos contam com três fontes de informações: àquelas advindas dos professores que não dominam Libras; àquelas advindas dos intérpretes que não dominam o conteúdo e àquelas advindas dos colegas de turma que não dominam nem o conteúdo e nem a Libras. Supreendentemente, os dados desse estudo mostram que, na visão dos professores e pedagogos, os colegas, fonte frágil de informações pela falta de domínio tanto do conteúdo quanto da Libras, são os que mais auxiliam na formação acadêmica dos alunos surdos (LACERDA, 2006).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inclusão de deficientes auditivos se mostra ainda muito desafiadora no meio educacional e social, a população não tem preparado para lidar e entender de forma empática a dificuldade dos surdos, e isso, dificulta de fato o estabelecimento de uma inclusão real. Sendo assim, os surdos enfrentam barreiras na comunicação e falta de acesso às informações que circulam nas escolas, dificuldades no processo ensino e aprendizagem para tornarem-se alfabetizados e letrados, discriminação dos colegas de sala de aula. Os professores sentem e relatam uma dificuldade no sistema educacional que acaba por não oferecer formação adequada e continuada. E os intérpretes formam um grupo que ainda estão constituindo a identidade profissional, buscando compreender seus espaços e favorecer o acesso às experiências escolares aos surdos.

Infere-se, portanto, que em meio a inúmeras dificuldades, divergência entre teoria e prática e receio pela falta da Libras, os educadores não se dão conta de que, nem sempre, estão em frente a um sujeito fluente em Libras e que por isso necessitam de inúmeros outros recursos metodológicos para compreender o que a escola tem a lhes ensinar. É possível dizer, então, que a inclusão dos surdos nas escolas regulares, ainda apresenta práticas frágeis que culminam numa realidade longe de ser a ideal e a mais efetiva para o aluno surdo. Mas também, vale ressaltar, que a linguagem vai além da fala, e está presente nas marcas físicas e psíquicas dos acontecimentos de nossa vida, então se considera aquilo que vai além de não poder ouvir e por

isso, as libras tem um papel fundamental no desenvolvimento destas pessoas, pois gestos também marcam tanto quanto palavras.

**Palavras-chave:** Inclusão. Libras. Deficientes Auditivos. Educação Especial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDIÉ, Anny. **Os atrasados não existem:** psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ESPOTE, Roberta; SERRALHA, A. Conceição; SARSOLINI-COMIN Fabio. **Inclusão de surdos: revisão integrativa da literatura científica.** Psico-USF, Bragança Paulista, v. 18, n. 1, p. 77-88, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/pusf/a/kcXkXchtQsnexsgcjTMCm7d/abstract/?lang=pt&fbclid=IwAR3beKHtoFA-3s-qt51u-7YLmtdw1A2YD0lyuMN77\\_5dLELr4H0Jn8eE0N0](https://www.scielo.br/j/pusf/a/kcXkXchtQsnexsgcjTMCm7d/abstract/?lang=pt&fbclid=IwAR3beKHtoFA-3s-qt51u-7YLmtdw1A2YD0lyuMN77_5dLELr4H0Jn8eE0N0). Acesso em: 19, jul. 2022.

MALLMANN, F. Michel; CONTO, D. Juliana; BAGAROLLO, F. Maria; FRANÇA, R. V. M. Denise. A Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Médio e Ensino Profissionalizante: um Olhar para os Discursos dos Educadores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 1, p. 131-146, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/9ZTWXNdWy9cLs4yJH65bvvn/abstract/?lang=pt&fbclid=IwAR3FkQblQHXYfxxDtVEn4BFO9KnP1s0elo5CkzUnXlrPwGuWZwkIC92NMI>. Acesso em: 17, jul. 2022.

FREITAS, Karina. Dia Internacional da Linguagem de Sinais procura promover a inclusão de pessoas surdas. **Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?23/09/2021/dia-internacional-da-linguagem-de-sinais-procura-promover-a-inclusao-de-pessoas-surdas#:~:text=No%20pa%C3%ADs%2C%20cerca%20de%205,7%20milh%C3%B5es%20n%C3%A3o%20ouvem%20nada>. Acesso em: 12, jul. 2022.

RAIMUNDO, S. J. Ronney; SANTOS, A. Thais. A Importância do Aprendizado da Comunicação em Libras no Atendimento ao Deficiente Auditivo em Serviço de Saúde. **REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO DA FACULDADE ARAGUAIA**, p. 184-191, 2012. Disponível em: <https://sipe.uniaraaguaia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/126/112>. Acesso em: 17, jul. 2022

DESSEN, M. Auxiliadora; BRITO, A. M. Waked. **REFLEXÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O ATENDIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS NO BRASIL.** Paidéia FFCLRP – USP, Rib. Preto, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/mQJ6BpQzK3twNsxmCyDh8xy/?lang=pt>. Acesso em: 14, jul. 2022.